

Os Congressos de Leitura do Brasil (1978-1987) como espaço para formação de professores

Brazilian Reading Congresses (1978-1987) as a place for teacher formation

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n79p29-44>

RENATA ALIAGA¹

RESUMO: Este artigo apresenta apontamentos da pesquisa de doutorado intitulada: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, que parte do pressuposto de que os de que os COLEs se constituíram, ao longo dos quarenta anos de sua realização, num importante espaço de formação dos profissionais do ensino, especialmente os professores. O acervo histórico dos congressos possibilitou que a pesquisa buscasse, em sua documentação, especialmente naquela gerada no período de 1978 a 1987, indicadores da intenção de seus organizadores de fazer desse evento um espaço e um tempo de formação. Ao mesmo tempo, recolhemos depoimentos de participantes dessas edições do evento, no intuito de conhecer suas percepções em relação ao congresso. Essa investigação integra o projeto *ALB: Memórias*, que vem sendo realizado por docentes do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação da Unicamp.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Congresso de Leitura do Brasil; Associação de Leitura do Brasil; formação docente; memória.

ABSTRACT: This article presents notes from doctoral research: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, who start from the assumption that the COLEs were constituted, throughout its 40 years of existence, as an important place for formation and

1. Instituto Federal de São Paulo, Campinas, São Paulo, Brasil.

development of educators, especially teachers. The historical collection allowed the research to seek on its documentation, particularly between 1978 and 1987, indicators of the intention of COLEs organizers to make this event a place and moment for formation and development. At the same time, we collected testimonials from participants in these and other editions of the event, to get to know their perceptions regarding the congress. This study is part of the project *ALB: Memórias* [ALB: Memories], which has been carried out by professors of the research group *Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA)* [Literacy, Reading and Writing/Teacher's Work in Initial Formation] of the FE/Unicamp and has contributed to the efforts to weave the history of reading in Brazil.

KEYWORDS: Reading; Reading Congresses of Brazil; Brazilian Reading Association; teacher formation; memory.

INTRODUÇÃO

Nesse texto², buscamos construir uma narrativa sobre as edições do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), particularmente compreendendo-o como um espaço para formação de professores do ensino de primeiro e segundo graus, partindo do pressuposto de que os espaços não-escolares são lugares de relevância para a formação desse profissional, não apenas em sua dimensão pedagógica, mas também cultural e humana.

Compartilhamos com Nóvoa (2017) a ideia de que a formação de professores, seja ela antes ou depois do docente institucionalmente graduado, não deve estar restrita ao espaço universitário, que, mesmo imprescindível e necessário, não é suficiente diante de uma formação que se quer ampla e plural. Neste sentido, Nóvoa (2017) defende que, para além de uma formação universitária, a formação docente deve-se fazer no entrelaçamento entre escola, universidade e sociedade, em um lugar institucional que se caracterize pelo encontro e pela construção de diálogos constantes entre as diferentes instituições envolvidas nesse processo de formação. O autor, à medida que incorpora esta urgência no seu texto, aponta:

2. Texto que apresenta apontamentos da pesquisa de doutorado intitulada: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*, defendida por mim junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp em abril deste ano. A tese integra um conjunto de outros trabalhos e pesquisas, concluídas e em andamento, ligados à pesquisa *ALB: Memórias*, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lilian Lopes Martin da Silva, do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita/Trabalho Docente na Formação Inicial (ALLE/AULA), da Faculdade de Educação da Unicamp.

Para avançar no sentido de uma formação profissional universitária, é necessário construir um novo lugar institucional. Este lugar deve estar fortemente ancorado na universidade, mas deve ser um “lugar híbrido”, de encontro e de junção das várias realidades que configuram o campo docente. É necessário construir um novo arranjo institucional, dentro das universidades, mas com fortes ligações externas, para cuidar da formação de professores. (NÓVOA, 2017, p. 1114).

Entendemos que se trata, portanto, de edificar um novo lugar de formação: um “entre-lugar”, em uma zona de fronteira entre as universidades e as escolas, que reúna pessoas comprometidas com o trabalho universitário, mas também com o futuro da profissão docente. Nesse sentido, Nóvoa ainda pontua que “é neste lugar que se produz a profissão de professor, não só no plano da formação, mas também no plano da sua afirmação e reconhecimento público.” (NÓVOA, 2017, p. 1115). Assim, a força deste “entre-lugar” está na possibilidade de construir novos entrelaçamentos que possam ir muito além da tradicional relação entre universidade/escola, onde o conhecimento acadêmico se faz indispensável, mas não ocupa uma posição de superioridade em relação às outras instâncias envolvidas. O que se propõe é um lugar de convergência e cooperação, onde se faça possível um percurso integrado e colaborativo de formação.

Foi a partir dessa perspectiva que elegemos os COLEs, promovidos pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), entidade criada em 1981, como espaço de investigação. Partimos do pressuposto de que os COLEs se constituíram num importante contexto de formação, principalmente dos profissionais do ensino e especialmente dos professores, estejam eles em sua formação inicial ou continuada. Essas percepções acerca do evento enquanto um espaço pensado e organizado para a formação de professores se evidenciam a partir do contato e da proximidade com o acervo do COLE, por meio do movimento constante de leitura dos documentos organização, classificação, catalogação, decorrentes do trabalho assumido pela equipe da pesquisa *ALB: Memórias*³.

O trabalho no arquivo embasou os primeiros questionamentos a nos moveram para a realização desta pesquisa mediada por questionamentos tais como: os

3. Em quatro décadas a ALB acumulou em sua sede uma grande quantidade de materiais, originados das realizações dos diversos eventos que promoveu no período. Em 2009, pesquisadores do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA iniciaram um trabalho que, culminou, em 2017, com a doação pela ALB, do conjunto documental referente ao COLE para o Centro de Memória em Educação da FE/ Unicamp.

COLES se propuseram, desde o início, a oferecer uma conjuntura voltada para a formação de professores? Esse era um desejo de seus organizadores? Como esse desejo se materializou nos distintos registros impressos produzidos nessas ocasiões? É possível, a partir dos documentos que pertencem ao acervo dos congressos, hoje reunidos e organizados no Centro de Memória da Educação (CME)⁴ da FE/Unicamp, localizar ou inferir, pela leitura, essa intenção? Como compreendê-la? Que formação é essa? Como ela se configura? Para qual professor ela foi pensada?

Ao mesmo tempo, foi se delineando um outro desejo de investigação. Considerando os professores participantes desse evento, seria possível conhecer e registrar algumas de suas percepções, que nos auxiliassem a nos aproximar de respostas às já citadas questões? Há documentos, no acervo do COLE, que tenham registrado as vozes dos participantes? Se existem, como tais vozes se aproximam, ou não, de nossa hipótese inicial?

Na impossibilidade de investigar todo o percurso do evento ao longo de suas vinte e uma edições (1978-2019), delimitamos nossa pesquisa na primeira década de realização do Congresso de Leitura do Brasil. O recorte temporal escolhido - 1978 a 1987 - justifica-se pelo fato de que, nesse período, estiveram à frente da organização dos congressos a equipe que o idealizou e que foi também a primeira diretoria eleita da Associação de Leitura do Brasil. Além disso, segundo Oliveira (2018), é possível notar algumas tendências nas primeiras seis edições do congresso que perpassam temáticas como a democratização da leitura, seus aspectos políticos e sociais, a escola, o ensino, a aprendizagem:

Os seis primeiros congressos (que estão entre aqueles que balizam essa investigação) inclinam suas reflexões para a democratização da leitura no país e para questões que perpassam, principalmente, pela escola, ensino, aprendizagem, recursos e espaços; em diálogo com esse primeiro momento de democratização política e social do país e do ensino. (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

4. O Centro de Memória da Educação é um órgão vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp. Mais informações em: www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao. Acesso em: 14 de março de 2019.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONSTRUÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, buscamos suporte teórico e metodológico nos referenciais da História Cultural, especialmente nos trabalhos de Chartier (1990) e Certeau (1998, 2002). Compreendemos, a partir desses referenciais, que, no movimento de busca pelos sentidos produzidos, por determinados sujeitos, situados em um determinado momento histórico, nos colocamos diante de representações particulares, inscritas no interior de discursos inevitavelmente doces ao tempo. É nesse bojo que conduzimos a aproximação da História Cultural tal como nos apresenta Chartier (1990): “esta história [que] deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”. (CHARTIER, 1990, p. 27).

Para o autor, o conceito de História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. (CHARTIER, 1990, p. 16). Assim, pensando na construção dos sentidos como operação entre ordenamentos, desvios e reemprego singulares, realizar uma investigação que assume estes propósitos presume considerar “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”, categorias estas que “são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Em Certeau (2002) temos a recusa de uma perspectiva metodológica que se apoie na ideia de interpretações totalizantes e hegemônicas, que buscam unificar as informações em uma única compreensão coerente. Pelo contrário, para o autor, a pesquisa histórica deve voltar-se para os desvios, trabalha nas margens, nos lugares de trânsito. Se situa na fronteira sempre mutável entre o dado e o criado.

Podê-lo-ia dizer que que ela não mais parte de ‘raridades’ (restos do passado) para chegar à uma síntese (compreensão presente), mas que parte de uma formalização (um sistema presente) para dar lugar aos ‘restos’ (indícios de limites e, portanto, de um passado que é produto do trabalho). (CERTEAU, 2002, p. 86).

Para referido autor, o passado não é algo dado que se desvenda no texto, mas o *produto* de uma operação que movimenta, desloca, desfigura, transforma, por meio do estatuto do documento, certos objetos que reorganizam a relação do presente com o passado. Segundo ele, a paisagem de uma pesquisa pressupõe uma maneira de caminhar inscrita em passos ora regulares, ora zigzagueantes (CERTEAU, 1998). O pesquisador se coloca frente a um “imenso canteiro de obras” provocado pela sua própria intervenção, e assim “trabalha sobre um material para transformá-lo em história” (CERTEAU, 2002). Movimenta uma “operação técnica”, cujos modelos de análise se colocam atentos às micro diferenças, concentram a atenção nos minúsculos espaços nos quais ocorrem jogos, palco onde táticas silenciosas e sutis “insinuem” (GIARD, 1998, p. 19).

Assim, ao buscar os sentidos produzidos por um grupo acerca dos COLEs, operamos com as representações mobilizadas e inscritas nos discursos desse grupo, sejam eles os discursos presentes nos documentos impressos, de autoria de seus organizadores, ou trazidos pela memória através dos depoimentos orais de participantes.

Tendo em vista esses objetivos, e de maneira propedêutica, o primeiro movimento da pesquisa se deu na constituição de um *corpus* composto por documentos impressos presentes no acervo do COLE no CME. Quando nos referimos aos documentos impressos, estamos falando de “todo texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel” (CELLARD, 2012, p. 197). No caso do conjunto selecionado por nós, nos detivemos apenas nas fontes primárias, ou seja, aquelas produzidas por testemunhas diretamente relacionadas ao fato, neste caso, documentos impressos produzidos por aqueles que tenham participado da elaboração e realização dos COLES no período por nós recortado.

Entre as possibilidades de ordenamento viabilizadas pelo conteúdo do acervo, selecionamos os seguintes conjuntos: 1.) Documentos do Departamento de Metodologia de Ensino (DEME), composto por cinco documentos, dentre eles projetos, relatórios e sínteses do departamento; 2.) Programas dos eventos: composto por folders que trazem a programação detalhada do 1º, 3º, 5º e 6º COLEs; 3.) Anais e Cadernos de Resumos, que reúnem os impressos dos Anais e Cadernos de Resumos das seis primeiras edições do COLE.

Em um segundo momento, operamos a coleta de depoimentos orais, na busca de professores que tivessem participado das primeiras edições dos COLEs na condição de professores da educação básica. Para seleção dos entrevistados, recorreremos inicialmente a listas de inscritos dos 2º e 4º COLEs, que constavam nos livros de

atas presentes no acervo. Após esse levantamento, realizamos buscas na internet desses nomes no intuito de contatá-los. Selecionamos, assim, três professoras que aceitaram participar das entrevistas. Outra estratégia para localização de potenciais participantes a serem entrevistados, foi o envio de formulários via e-mail para os participantes do 21º COLE, que ocorreu no mês de julho de 2018, durante a investigação. Neste contato, localizamos treze pessoas que haviam participado de alguma das primeiras edições do COLE, mas somente uma entrevista foi realizada. Por fim, por meio de contatos pessoais, localizamos mais duas professoras que haviam participado do COLE no período e aceitaram o convite para a entrevista.

As dificuldades apresentadas na localização para entrevista com pessoas que tivessem participado das primeiras edições dos COLEs nos trouxeram um grande desconforto. A princípio, diante do grande número de participantes dos COLEs já em suas primeiras edições, imaginamos que reuniríamos sem dificuldades um grupo de dez ou doze professores. Em momento algum consideramos o quão difícil seria encontrá-los, e mais, que grande parte dos encontrados não aceitaria participar da pesquisa, seja recusando, seja ignorando nosso convite. Essa situação foi, algumas vezes, colocada em discussão em reuniões do grupo ligado à pesquisa *ALB: memórias*. O que poderia nos indicar essa dificuldade? Esse silêncio? Essa recusa à participação na pesquisa não seria algo de significado? Uma hipótese levantada foi de que, pelo tempo transcorrido, tais pessoas estavam tão distanciadas do trabalho que haviam tido no magistério, das preocupações com as quais ocupavam-se na época, que optaram por não se mobilizar. Outra hipótese a considerar é que, para além do ponto de vista dos organizadores dos congressos em relação aos professores, a habitual hierarquia vertical nas relações que sempre caracterizaram os contatos da universidade com o ensino básico, geram tensão entre a academia e a escola. A manifestação abstêmia desse contingente pode indicar uma consolidação desse efeito.

A coleta de depoimentos orais foi realizada no período de julho/2018 a fevereiro/2019. O local de realização poderia ser sugerido pelo próprio entrevistado, sendo realizadas duas entrevistas na FE/Unicamp, duas na residência das entrevistadas e outras duas em seu local de trabalho. Uma vez coletados todos os depoimentos planejados, iniciamos sua transcrição, mantendo, sempre que possível, as marcas de oralidade nelas presentes. Fizemos uma primeira revisão, buscando garantir uma boa cadência na leitura, introduzindo as marcas próprias da escrita. Encaminhamos o resultado aos entrevistados, para leitura e alguma revisão desejada.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO: DO DESEJO DE FORNECER À POSSIBILIDADE DE DAR VOZ

Já em sua proposta inicial, conforme documentos do DEME⁵ referentes aos anos de 1977 e 1978, como nos documentos referentes às primeiras edições do COLE, a organização responsável pelo evento deixou marcas de sua intenção de fazer dele um espaço de formação de professores do ensino de 1º e 2º graus. Pudemos perceber vários indicadores em que se afirmava esse desejo – aproximação dos professores da educação básica com o trabalho realizado na academia por pesquisadores e professores universitários. Um desejo que muitas vezes era pautado na crença de que esses trabalhos poderiam, assim como estabelece L. Andrade na reflexão sobre o tema, “exercer influência sobre a própria realidade sobre a qual pensam” (ANDRADE, 1997, p. 16) seja pela transmissão de visões sobre o ensino, seja mediante pesquisas, o pensamento teórico seria colocado à disposição dos leitores interessados, uma vez que abrisse a possibilidade de, como consta no relatório do já referido DEME, “instigar ou provocar rápidas mudanças na realidade educacional brasileira” (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP, p. 10, 1977)

Especialmente nas duas primeiras edições do Congresso, realizadas nos anos de 1978 e 1979, pode-se identificar, nos discursos percebidos nos documentos, a representação de um professor que, formado no período ditatorial, não havia sido adequadamente preparado para atuar numa sociedade que se queria democrática. Além disso, aqueles que já atuavam como professores neste período, estariam habituados a um fazer docente que era burocratizante e reprodutor de um tecnicismo que lhe era imposto pelos sistemas de ensino até então. Nota-se nesse encadeamento, uma tendência em sugerir que o professor não possuía senso crítico, e reproduzia sem criticidade as orientações que recebia das instâncias superiores. Ao professor, nos parece, que foi atrelada uma representação de um sujeito alienado, ingênuo, acrítico, iletrado; mas que precisa vir a ser construído para apresentar-se em uma outra condição, esta que abrigaria os antônimos dos adjetivos que representavam o referido discurso. Há indicativos, encontrados no caderno de resumos da sua edição de 1979, da representação de um professor que, em função de sua formação deficiente e das precárias condições de trabalho, é visto como marginalizado, excluído, oprimido e carente da leitura:

5. FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP, *Plano bienal do Departamento de Metodologia de Ensino (1978-1979)*.

O professor brasileiro, dada a sua condição de oprimido, também é carente de leitura. O salário não dá pra comprar livros; o número de aulas não facilita momentos para leitura (corremos de uma escola para outra como abelhas operárias); não existe biblioteca especializada nas escolas; os cursos de licenciatura esquecem de propor elemento sobre a teoria da leitura. (COLE, 1979, p. 4)

Assim, como proposta de enfrentamento desta problemática e também como caminho possível para a superação das condições de precariedade em que se encontravam o sistema educacional e, conseqüentemente, a formação de leitor, o COLE buscou promover fortemente o que se identificava enquanto uma necessária atualização do professor a partir da concepção de educação como ato político e, portanto, isento da neutralidade técnica defendida até então. A própria ideia de atualização para os profissionais do ensino sugere que, estando fora daquilo que é atual, necessitam se reciclar, renovar, amodernar. Essa atualização pressupunha, registrada nos impressos referentes ao evento de 1979, portanto, a “retomada crítica” (COLE, 1979, p. 02) por parte do professorado, que seria possível, entre outros aspectos, a partir da “tomada de consciência” do caráter político de sua prática pedagógica, a partir de um “conjunto de teorias (conteúdo científico e filosófico) que, por hipótese, o ajudariam em sua prática” (COLE, 1979, p. 4).

No entanto, a partir da leitura das entrevistas, pudemos localizar alguns indicativos que se contrapõem à representação de professor apresentada nesses documentos, nota-se posturas que se distanciam da ideia de um professor alienado e passivo. A partir desses apontamentos, podemos inferir que essas professoras, à revelia da representação que se tinha delas, já buscavam no congresso um lugar de reflexão, onde era possível realizar um esforço analítico sobre sua atuação; desejavam estar ali, participando ativamente dele.

(...) como eu tinha ingressado na rede pública eu precisava pensar o ensino de literatura que era algo que não tinha espaço lá. Eu queria resolver, pensar essas questões (...) (informação verbal)

E eu falei: eu vou participar mais a fundo disso, eu não quero ficar só assistindo. (...) porque eu pensava: taí uma ação, uma iniciativa que bate direto com aquilo que eu quero, na área, no meu trabalho, e aí que me inscrevi lá e acabei sendo escolhida

pra diretoria. Aquilo que eu fazia me bastava e me deixava bastante recompensada. (informação verbal)⁶

Especialmente as duas primeiras edições do COLE parecem movimentar um intuito de formação em que o professor universitário/ pesquisador, detentor de um saber crítico e legítimo, portanto além do nível do senso comum, pretendia-se munir e fornecer ao professor de 1º e 2º graus de teorias críticas que colaborariam na sua apreensão da realidade e o ajudariam a melhorar sua prática pedagógica.

No entanto, quando olhamos para os relatórios de avaliação destas edições do evento, vemos que muitos dos congressistas se posicionaram criticamente diante desse formato. Ainda que grande parte das avaliações, ao exemplo do que é encontrado no material referente ao COLE de 1978, consideraram que o evento conseguiu atingir seus objetivos, as respostas aos questionários de avaliação acusaram, contudo, um excessivo “discurso acadêmico”, ideias que “não chegaram aos professores de 1º e 2º graus” (COLE, 1978, p. 87).

A partir do 3º COLE, identificamos alguns indícios que apontam para um outro modo de propor esse contexto de formação, a partir de duas tendências principais: 1) da busca por consolidação das pesquisas na área de leitura – associada ao convite, direcionado a professores, para participarem de forma ativa desse movimento e, sendo assim, encaminhariam para a pesquisa suas questões e problemáticas da prática em sala de aula; 2) o estímulo à formação de grupos e consolidação de coletivos, que se concretizou na fundação da ALB, na busca de diálogo com as demais associações e sindicatos ligados aos professores e demais interessados na leitura, como as associações de bibliotecários e de editores.

Considerando avaliações dos participantes e análises dos organizadores nos COLES anteriores, a 3º edição do Congresso manteve – e ampliou – a tônica da importância da formação política dos educadores, no entanto, pareceu tensionar a ideia e o formato de uma pretensa atualização presente nas edições anteriores. Pela primeira vez, o COLE disponibilizou uma abertura para a inscrição e apresentação de trabalhos e trocas de experiências, o que, em conjunto com outras iniciativas, parecia tentar romper com a ideia de unilateralidade apontada anteriormente.

6. Entrevistas concedidas respectivamente em 12/07/2018 e 22/11/2018. As transcrições na íntegra estão disponíveis no Anexo II da tese de doutorado: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*.

A aspiração à ação assimétrica e unilateral, dada ao pretense fornecimento aos professores propostas para melhoria do ensino, não estava novamente presente nos objetivos do evento a partir do 3º COLE. Ao contrário, desta vez, o que se buscava era a promoção de uma reunião dos interessados na temática da leitura, e assim, apresentar, refletir e debater suas variadas propostas. O movimento anterior, que propunha predicar a atuação dos professores à atividade acadêmica, deu lugar à reflexão, cuja promoção poderia partir de todas as partes componentes do congresso.

Na ocasião, a aproximação dos professores da escola básica com as práticas de pesquisa, próprias do ambiente universitário, parecia ser algo bastante inovador. Havia, porém, uma tradição que dicotomizava os papéis do professor universitário e do professor do ensino de primeiro e segundo graus, condição esta que, muitas vezes, como é encontrada nas fontes, “tornava bastante problemática a relação entre o professorado e a universidade”. (COLE, 1978, p. 28).

A ALB tornou-se, a partir de 1981, responsável pela realização dos COLEs. Pode-se perceber, a partir dos Resumos do 4º, 5º e 6º COLES, que o crescimento quantitativo do número de trabalhos apresentados⁷ permaneceu. Isso certamente indica um resultado positivo no que tange à consolidação na pesquisa na área da leitura, no entanto, alguns documentos referentes ao 4º COLE parecem sugerir que, ainda que estudos e pesquisas na área da leitura tenham avançado, as condições para formação dos leitores nas escolas não seguiam a mesma tendência.

Assim, os 5º e 6º COLES também nos pareceram movimentar mudanças de concepção em relação às edições anteriores. Ambos apresentam temáticas clara e diretamente voltadas aos professores e sua atividade de ensino: o 5º COLE, realizado no ano de 1985 teve como tema *O Professor e a Leitura*, enquanto o 6º COLE, realizado em 1987, trazia o tema *A Questão dos Métodos e o Método em Questão*.

Se os documentos referentes aos dois primeiros congressos desenharam uma relação verticalizada e hierárquica entre a universidade e a educação básica nos aspectos da produção e divulgação do conhecimento, a partir dos COLES posteriores este desenho progressivamente se alterou. Nele, o professor pareceu desafiado a ocupar um lugar de maior participação como disseminador de conhecimentos, formador de leitores, solucionador de problemas.

7. No 4º COLE foram apresentados 35 trabalhos. No 5º COLE foram 61 apresentações e 13 grupos de estudos. O 6º COLE contou com 21 grupos de estudos e cerca de 900 inscritos, mas não há informações sobre o número de trabalhos apresentados.

Nesse sentido, a partir dessas edições do COLE, ao professor é proposto um convite ao engajamento, enunciado por meio de um ambiente voltado à análise e reflexão das suas experiências docentes. Especificamente, a proposta foi viabilizada com inserção do professor enquanto agente na formulação de resoluções dirigidas ao conjunto de problemas que suscitava a questão da leitura. Ora, diante da dupla constatação de que as pesquisas sobre leitura se consolidavam e traziam contribuições relevantes para a área, também se percebia que esses avanços não haviam provocando mudanças no cotidiano das escolas. O caminho indicado deveria ser aproximar os professores destas propostas que veiculavam, por intermédio dos grupos de estudos, a aquisição de outros conhecimentos teóricos e metodológicos – possivelmente desconhecidos fora do circuito acadêmico. Incorporava-se, assim, estes professores ao debate realizado na academia, de forma que pudessem compartilhar suas experiências, dificuldades, propostas, etc. Ganhava força a ideia de reflexão, debate, troca de experiência entre os participantes.

Eu lembro que tinha uma coisa que o Wanderley dizia: professor precisa falar! Ele precisa dizer a palavra dele, ele precisa falar. E a gente tem que abrir o espaço pra eles, como é que a gente faz isso? É pensando em atividades que possam envolver os professores, a participação deles... e num dos Coles eu vi[isso]... eu fiquei muito feliz! Porque eu vi uma série de posters de professores e esses posters relatavam não pesquisas acadêmicas, mas o trabalho da sala de aula deles com a leitura e a escrita, e depoimentos deles, eu achei muito bonito (...) porque os professores começaram a vir para o Cole. Os professores que estavam na sala de aula, não só o pessoal acadêmico, das universidades, os convidados, mas o pessoal da sala de aula. (Informação verbal)⁸

Nessa lógica, um dos movimentos mais representativos dessa concepção de formação a partir de estudos que pudessem embasar o professor em suas tomadas de decisões e enfrentamento dos problemas da prática foi a criação, no 5º COLE, dos Grupos de Estudo: foram treze grupos no 5º COLE e vinte e um no 6º COLE. Na ocasião, para o congressista que desejasse propor um grupo de estudos, não havia exigência de titulação acadêmica. Havia a abertura para que todos os inscritos no evento, fossem eles professores universitários, do ensino de 1º e 2º graus, escritores,

8. Entrevista concedida em 22/11/2018. A transcrição na íntegra estão disponíveis no Anexo II da tese de doutorado: *Congresso de Leitura do Brasil (1978-1987): espaço de formação*.

bibliotecários, estudantes e outros interessados, elaborassem e apresentassem suas propostas que seriam avaliadas pelos organizadores do evento.

O 5º COLE, que recebeu representantes de todos os estados brasileiros e de alguns países da América Latina, foi avaliado positivamente pelos participantes, que consideraram a proposta positiva e produtiva à medida que permitiu o debate e o diálogo entre as pessoas. Os grupos de estudos foram avaliados muito positivamente. No material de análise, alguns trechos evidenciam esta recepção uma vez que “por funcionarem como minicursos, levaram as pessoas a um conhecimento mais significativo a respeito de temas específicos”, demonstrando “que a grande maioria dos participantes mostrava desejo e vontade de conhecer e discutir as novas experiências para o ensino de leitura” (COLE, 1985, p. 125).

O grande interesse e participação dos congressistas nos grupos de estudos do 5º e 6º COLES também podem apontar para a relação existente, já em meados dos anos 1980, entre as discussões produzidas por pesquisadores – que também participavam dos COLES no mesmo período – e as diretrizes curriculares que foram implementadas em alguns estados, especialmente no estado de São Paulo. Alguns grupos de estudos foram coordenados por esses pesquisadores, muitos já com certo prestígio no contexto acadêmico nacional, que também dialogavam com as políticas públicas para a leitura.

As temáticas propostas no 5º e 6º COLE são bastante representativas dos debates sobre leitura e ensino de leitura que, enquanto evento, o COLE movimentou, impulsionou e fomentou naquele momento. Se, especialmente nas primeiras edições do COLE, o eixo das discussões sobre leitura se centrava na formação do leitor crítico e na discussão da dimensão política e ideológica da prática educativa, o 5º e 6º COLES apresentam temáticas mais claramente voltadas para as questões do ensino, abarcando aspectos didático-metodológicos do ensino da leitura na escola. Neste sentido, Santos (2019) afirma:

... após a abertura democrática, as discussões se voltam a como ensinar leitura, no sentido de orientar a escola para o cumprimento de seu papel de promover a formação de leitores. Ainda que muitas temáticas sejam discutidas, permanece a preocupação pedagógica e a tentativa de sistematização de um *saber pedagógico para o ensino da leitura e sua universalização*. (até o 6º COLE, 1987) (SANTOS, 2019, p. 91).

Ao analisarmos os primeiros COLES como um contexto de formação, encontramos um congresso que, já em sua concepção, propunha aproximar os professores

da escola básica com os trabalhos que vinham sendo realizados na academia. Esse talvez tenha sido o grande ponto de tensão que se colocou nesses primeiros anos. A proposta inicial, assimétrica e verticalizada, calcada na pressuposição de diferentes e estabelecidos papéis para cada um dos componentes do congresso, deu lugar à concepção de um ambiente reflexivo, e a valorização, posteriormente, do estudo, da experiência, o que possibilitou a amplificação discursiva de uma variedade maior de sujeitos, e assim, escutar as suas vozes. Ainda que os modos de realização tenham se modificado no decorrer das edições, o que permanece nos seis primeiros COLEs é a crença de que a pesquisa, a ciência, o trabalho acadêmico, em conjunto com os professores dos diferentes níveis, poderia contribuir de maneira singular para a melhoria da escola e da educação, seja como orientadora do trabalho que se fazia na escola, seja como proponente de políticas públicas para melhoria das condições da promoção da leitura e formação do leitor.

Além disso, pudemos notar a tensão que os atravessou e persistiu; entre o desejo dos coordenadores de ouvir, aproximar, dialogar com os professores da educação básica, em uma busca para colocá-los numa condição simétrica, de paridade, ou até mesmo de conferir a estes o protagonismo em relação ao ensino e à educação e a ênfase que se deu, em alguns momentos, às contribuições vindas do mundo acadêmico. Um contexto compartilhado por diferentes agentes, mas não isento de tensões. Tensões estas que não se restringiram aos níveis escolares – ensino superior/escola básica – mas que se instituiu nas relações entre o COLE e seu momento de realização: as alterações de legislação, de currículo, às greves de sindicatos e da categoria docente, a emergência de novas propostas para o livro e a leitura, o fortalecimento de novos meios de comunicação, etc.

Nesse período, também pudemos notar, não só a emergência de novas concepções sobre ensino, leitura, escola – embasadas e amparadas pela pesquisa acadêmica – como também seu fortalecimento e legitimação. Estas discussões deram visibilidade tanto às ideias eram apresentadas, quanto aos pesquisadores que as propuseram e estes, muitas vezes, mantiveram a condição de “orientadores” ou “norteadores” do trabalho dos professores de 1º e 2º graus. Sobretudo, mediante aos grupos de estudo ou minicursos, os professores puderam tomar contato com essas ideias, também pensar sobre elas, esclarecê-las, aprofundá-las.

Ao rememorar suas participações nos primeiros COLEs, Geraldi (2012) evoca um lugar de encontros, muitas vezes imprevistos, de parcerias, como um evento

verdadeiramente democrático e que acolheu as vivências e preocupações de diferentes sujeitos.

Creio que encontros como este são o fruto imprevisto, mas nem por isso menos rendoso, de um congresso como o COLE. Nele se encontram parceiros preocupados com as mesmas questões. É um evento efetivamente democrático, de e para professores de todos os níveis de ensino. Aberto a falas e a escutas. Soam bem as vozes dos professores com suas vivências e suas preocupações, como soam bem as vozes supostamente mais informadas e conformadas aos moldes da academia. (GERALDI, 2012, p. 09)

Por fim, essa parece ser uma característica importante dos últimos COLEs pesquisados no nosso recorte, que, muito possivelmente, impulsionaram e consolidaram sua relação com os professores de diferentes níveis: um espaço de encontros que pretendia ser verdadeiramente aberto a falas e escutas, um lugar onde o professor pôde falar, ser ouvido, e também pôde ouvir, discutir, dialogar... Com o desejo de dar voz, o COLE se fez ouvir, se fez presente ainda hoje e tem nos presenteado, nesses mais de quarenta anos, com tantas vozes, vivas, atuantes e relevantes, que não se calaram e nem se aquietaram, mas tem colaborado de maneira bastante significativa na construção da história da leitura em nosso país.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. T. Procura-se um formador – a produção universitária sobre ensino de português: uma ação reflexiva. *Leitura Teoria & Prática*, Campinas-SP, n. 29, p. 16-29, jun. 1997.
- CELLARD, André. A análise documental. In: *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Coautoria de Jean Poupart. Tradução Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CERTEAU, M. A operação histórica. In: CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos*. 1º COLE e 1º COBI. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1978.
- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Resumos*. 2º COLE. Campinas, SP: FE/Unicamp, 1979.

- CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. *Anais. Comunicações Oficiais*. 5º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP: FE/Unicamp; ALB. 1985.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO. *Relatório de Atividades do Departamento de Metodologia de Ensino*, ano de 1977.
- GERALDI, J. W. Por traz do Cole: a Associação de Leitura do Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 18., Campinas, SP. *Anais do 18º Cole*, Campinas-SP: ALB, 2012. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais18/. Acesso em: 25 de mar. 2020.
- GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- NÓVOA, Antonio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000401106&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 de julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.
- OLIVEIRA, Larissa de Souza. *Os espaços de leitura nas páginas do Congresso de Leitura do Brasil – COLE (1978-1993)*. 2018. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- SANTOS, Geniana dos. *Políticas Curriculares de Leitura: crise, antagonismo e negociação no Congresso de Leitura do Brasil (COLE)*. Curitiba: CRV, 2019.

SOBRE A AUTORA

Renata Aliaga é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado em Educação (Universidade Estadual de Campinas) e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Campinas. Tem experiência na área de leitura, história da leitura, bibliotecas escolares, memória e formação docente, com pesquisa nos seguintes temas: prática docente, leitura e literatura.
E-mail: renata.ifspcampinas@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2797-4078>.

Recebido em 27 de abril de 2020 e aprovado em 29 de junho de 2020.